

INFORMAÇÃO, CONHECIMENTO E SOCIEDADE EM REDE: Que potencialidades?

Moacir Gadotti*

O autor centra sua reflexão no papel do conhecimento na sociedade em rede e apresenta os fóruns como um exemplo concreto. A sociedade em rede, ao mesmo tempo em que é uma sociedade de múltiplas oportunidades de aprendizagem é também uma sociedade de novas exigências para a escola, o currículo, o professor e o aluno. O professor passa a ser menos «lecionador» e mais gestor da aprendizagem intertranscultural. Nesse contexto, a emergência dos fóruns, especialmente do Fórum Social Mundial, introduziu uma nova dinâmica no processo de emancipação e de empoderamento (empowerment) na construção de um outro mundo possível desde já.

Gostaria de propor alguns pontos para a reflexão e o debate, nesta mesa redonda, centrados em dois pontos específicos: a) o papel do conhecimento na sociedade em rede e b) os fóruns como um exemplo de sociedade em rede, «caminhando para uma cidadania multicultural», como propõe o tema central deste Fórum Paulo Freire.

As novas **tecnologias da informação** criaram *novos espaços do conhecimento*. Agora, além da escola, também a empresa, o espaço domiciliar e o espaço social tornaram-se educativos. Cada dia mais pessoas estudam em casa pois podem, de lá, acessar o ciberespaço da formação e da aprendizagem a distância, buscar «fora» – a informação disponível nas redes de computadores

interligados – serviços que respondem às suas demandas de conhecimento. Por outro lado, a sociedade civil (ONGs, associações, sindicatos, igrejas...) está se fortalecendo, não apenas como espaço de trabalho, mas também como espaço de difusão e de reconstrução de conhecimentos.

Subjacente a toda análise das tecnologias da informação (do conhecimento?) está a pergunta: Para que serve o conhecimento? A quem serve o conhecimento? Destacar a **função social do conhecimento** é importante para não cair numa análise ingênua, pois conhecimento é também poder. Falar hoje em «sociedade em rede» e «sociedade do conhecimento» sem fazer uma análise do seu papel político e social é escamotear a questão do conhecimento e, ao mesmo tempo, entender a sociedade como se ela fosse homogênea, não contraditória, não conflitual. Por isso, antes de mais nada, é importante nos perguntar: Para que serve o conhecimento? O que é conhecimento? Como conhecer? Conhecer em que sociedade? O tema proposto exige uma análise da relação entre **conhecimento e sociedade**.

1. O papel do conhecimento na sociedade em rede

Como previa Herbert McLuhan, na década de 60, o planeta tornou-se a nossa sala de aula e o nosso endereço. O ciberespaço rompeu com a idéia de tempo próprio para a aprendizagem. O espaço da aprendizagem é aqui, em qualquer lugar; o tempo de aprender é hoje e sempre.

Hoje vale tudo para aprender. Isso vai além da «reciclagem» e da atualização de conhecimentos e muito mais além da «assimilação» de conhecimentos. A sociedade do conhecimento é uma sociedade de **múltiplas oportunidades de aprendizagem**. As **consequências** para a escola, para o professor e para a educação em geral são enormes: ensinar a pensar; saber comunicar-se; saber pesquisar; ter raciocínio lógico; fazer sínteses e elaborações teóricas; saber organizar o seu próprio trabalho; ter disciplina para o trabalho; ser independente e autônomo; saber articular o conhecimento com a prática; ser aprendiz autônomo e a distância.

Nesse contexto, o **professor** é muito mais um mediador do conhecimento, diante do aluno que é o sujeito da sua própria formação. O aluno precisa

construir e reconstruir conhecimento a partir do que faz. Para isso o professor também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o que fazer dos seus alunos. Ele deixará de ser um *lecionador* para ser um *organizador* do conhecimento e da aprendizagem.

Em *resumo*, poderíamos dizer que o professor se tornou um aprendiz permanente, um construtor de sentidos, um cooperador, e, sobretudo, um organizador da aprendizagem. Se falamos do professor de adultos e do professor de cursos à distância, esses papéis são ainda mais relevantes. De nada adiantará ensinar, se os alunos não conseguirem organizar o seu trabalho, serem sujeitos ativos da aprendizagem, autodisciplinados, motivados. E mais: não basta oportunizar o acesso e a permanência na escola para todos. O direito à educação implica o **direito de aprender** na escola.

«Ser professor», não será «um ofício em risco de extinção», pergunta-se Luiza Cortesão em um belo livro sobre a função docente. Um certo professor está em risco de extinção. O funcionário da eficácia e da competitividade pode existir, mas terá se demitido da sua função de professor. Diz ela que há hoje uma evidente contradição entre o professor em branco e preto, o professor «monocultural», bem formado, seguro, claro, paciente, trabalhador e distrituidor de saberes, eficiente, exigente e o professor «intermulticultural» que não é um «daltônico cultural», que dá-se conta da heterogeneidade, capaz de investigar, de ser flexível e de recriar conteúdos e métodos, capaz de identificar e analisar problemas de aprendizagem e de elaborar respostas às diferentes situações educativas. Um, não se pergunta porque ser professor. Simplesmente cumpre ordens, currículos, programas, pedagogias. Outro, questiona-se sobre seu papel. Um está centrado nos conteúdos curriculares e outro no sentido do seu ofício. Sim, um certo professor está em risco de extinção. E isso é muito bom.

A sociedade contemporânea está marcada pela questão do conhecimento. E não é por acaso. O conhecimento tornou-se peça chave para entender a própria evolução das estruturas sociais, políticas e econômicas de hoje. Fala-se muito, hoje, em sociedade do conhecimento, às vezes com impropriedade. Mais do que a era do conhecimento, devemos dizer que vivemos a era da informação, pois percebemos com mais facilidade a disseminação da informação e a manipulação de dados, muito mais do que a generalização da oportu-

nidade de criar conhecimento. O acesso ao conhecimento é ainda muito precário, sobretudo em sociedades com grande atraso educacional.

Hoje as teorias do conhecimento na educação estão centradas na aprendizagem, no ato de aprender, de conhecer.

– O que é conhecer?

Conhecer é construir categorias de pensamento, é «ler o mundo e transformá-lo», dizia Freire. Não é possível construir categorias de pensamento como se elas existissem *a priori*, independentemente do sujeito que conhece. Ao conhecer, o sujeito do conhecimento reconstrói o que conhece.

– Como conhecer?

Só é possível conhecer quando se deseja, quando se quer, quando nos envolvemos profundamente com o que aprendemos. No aprendizado, gostar é mais importante do que criar hábitos de estudo, por exemplo. Hoje se dá mais importância às metodologias da aprendizagem, às linguagens e às línguas estrangeiras, do que aos conteúdos. A transversalidade e a transdisciplinaridade do conhecimento é mais valorizada do que os conteúdos longitudinais do currículo clássico.

Frente à disseminação e à generalização da informação, é necessário que a escola e o professor, a professora, façam uma seleção crítica da informação, pois há muito lixo e propaganda enganosa sendo veiculados. Não faltam, também na era da informação, encantadores da palavra para tirar algum proveito, seja econômico, seja religioso, seja ideológico.

O conhecimento serve primeiramente para nos conhecer melhor, a nós mesmos e todas as nossas circunstâncias, conhecer o mundo. Serve para adquirirmos as habilidades e as competências do mundo do trabalho, serve para tomar parte nas decisões da vida em geral, social, política, econômica. Serve para compreender o passado e projetar o futuro. Finalmente, serve para nos comunicar, para comunicar o que conhecemos, para conhecer melhor o que já conhecemos e para continuar aprendendo.

Conhecer é importante porque a educação se funda no conhecimento e este na atividade humana. Para inovar é preciso conhecer. A atividade humana é intencional, não está separada de um projeto. Conhecer não é só adaptar-se ao mundo. É condição de sobrevivência do ser humano e da espécie.

Antes de conhecer o sujeito se interessa por... é «curioso», é «esperançoso» (Freire). Daí a importância do trabalho de «sedução» (Nietzsche) do professor, da professora, frente ao aluno, à aluna. Seduzir no sentido de encantar pela beleza e não como técnica de manipulação. Daí a necessidade da motivação, do encantamento. Motivação que deve vir de dentro do próprio aluno e não da propaganda. É preciso mostrar que «aprender é gostoso, mas exige esforço», como dizia Paulo Freire no primeiro documento que encaminhou aos professores quando assumiu a Secretaria de Educação do Município de São Paulo.

Certamente, para o professor ter êxito nessa sociedade aprendente, o professor, a professora precisam ter clareza sobre o que é conhecer, como se conhece, o que conhecer, porque conhecer, mas um dos segredos do chamado «bom professor» é trabalhar com prazer, gostando do que se faz. A gente faz sempre bem o que gosta de fazer. Só é bem sucedido aquele ou aquela que faz o que gosta.

Para nós, educadores, uma questão crucial é a nossa **opção curricular**, como muito bem aponta Luiza Cortesão no livro já citado acima. Mas, o que é currículo?

O «Currículo» é, antes de mais nada, um campo de reflexão e, ao mesmo tempo, uma noção complexa. Currículo (caminho, percurso, movimento, viagem, processo, vida, história, história de vida pessoal e institucional, autobiografia...) é uma relação intertranscultural, assim como a vida é relação. Reorientamo-nos a cada momento, vivendo. Nasceremos e morremos várias vezes ao dia. O currículo deve ser educativo. A educação começa por um ato de relação, um encontro.

Curriculum é projeto, utopia, sonho. O que desejamos para a nossa vida, a de nossos filhos, alunos, comunidade, companheiros. Curriculum é também relação de poder, porque é território, espaço de conflitos, implica opções, decisões. Reorienta-se o currículo por meio de parcerias e alianças, no coletivo. Curriculum é texto, discurso, documento, documento de identidade da escola, da Secretaria, das pessoas... Curriculum é parâmetro, diretriz, política. Curriculum é conteúdo programático, área de conhecimento. Implica uma teoria do conhecimento (uma teoria do currículo).

Discutir o currículo é discutir um projeto eco-político-pedagógico; é discutir a própria educação que queremos, a nossa educação como sujeitos. O currí-

culo é inseparável do projeto; é inseparável do processo educativo, é inseparável do projeto de ser humano e de sociedade.

A escola é um território de produção, circulação e consolidação de sentido e significado, espaço da cultura (como conjunto de práticas). Cultura é o que fazemos. Somos o que fazemos e nos fazemos na ação-reflexão. O currículo é a expressão do que fazemos. Ele é essencialmente cultural.

– Porquê currículo intertranscultural?

Porque, numa escola e na sociedade, interagem diversos modelos culturais (intercultura, interculturalidade), porque há muitos fazeres. O currículo consagra a intencionalidade necessária na relação intercultural pré-existente nas práticas sociais e interpessoais. Por isso, reorientar o currículo é mexer e remexer com as relações interpessoais e humanas, com a natureza e o meio ambiente. Uma escola é um conjunto de relações interpessoais e humanas... Trabalhar a postura dialógico-dialética interpessoal, superando relações violentas (cultura da paz e da sustentabilidade) diante da realidade... Enfrentar a tradição monocultural dos nossos currículos, as manifestações etnocêntricas das nossas práticas... é enfrentar a tradição «escolar» dos nossos currículos que desprezam o informal como «extra-escolar», como «não-formal»... A informalidade é uma característica fundamental da educação do futuro.

O currículo intercultural deve englobar todas as ações e relações da escola. Deve englobar o conhecimento científico, os saberes da humanidade, os saberes da comunidade, a experiência imediata das pessoas instituintes da escola. Deve incluir a formação permanente de todos os segmentos que compõem a escola. Deve englobar a conscientização, o conhecimento humano e a sensibilidade humana. Considera a pedagogia como uma ciência transversal, aberta a todas as ciências. Portanto, analisa a cultura e o conhecimento sob todas as perspectivas científicas. Considera a educação como um processo sempre dinâmico, interativo, complexo e criativo. Procura criar contextos educativos para a integração criativa e cooperativa permanente entre os diferentes sujeitos, contextos sociais e culturais.

O currículo intercultural é baseado num processo ético de diálogo criativo e considera a participação não apenas como «relação de poder», mas principalmente como relação humana pedagógica intercultural. Está sempre relacionado com a reflexão e a prática da democracia (educar para e pela cidadania) e da

busca da justiça social. Estimula a aprendizagem e o ensino como formas de intercâmbio e partilha.

Não podemos perder de vista o sentido da reorientação curricular. Reorientamos o currículo para viver melhor, para o bem viver, para construir uma escola mais bela, prazerosa e aprendente. A reorientação curricular deve vincular-se à construção do projeto político-pedagógico da escola, que implica: a) relações interpessoais e humanas, princípios de convivência; b) gestão democrática; c) ciclos, áreas do conhecimento e avaliação.

Paulo Freire nos indicou os passos necessários para a construção do projeto político-pedagógico, começando pela leitura do mundo. A «festa pedagógica» com sua peculiaridade e suas diferentes dimensões de intercultura. A reorientação curricular só tem sentido para todos os que dela participam se for uma atividade prazerosa, feita com alegria cultural, contentamento, felicidade em poder participar de uma evento excepcionalmente humano e relevante. Não uma atividade burocrática enfadonha.

Numa perspectiva freiriana, a reorientação curricular visa a inclusão. Por isso é construído de forma relacional, levando em conta as diferentes identidades, reconhecendo as diferenças.

2. Os Fóruns como sociedade em rede

Em janeiro de 2001, realizou-se, em Porto Alegre, a primeira edição do *Fórum Social Mundial*, «por um outro mundo possível». Durante as poucas, e talvez por isso mesmo, muito concorridas atividades desenvolvidas naquele evento, no campo da educação, os presentes decidiram criar um espaço de debate com o nome de *Fórum Mundial de Educação* (FME). A Prefeitura de Porto Alegre assumiu a responsabilidade de organizá-lo.

A primeira edição do FME, em outubro de 2001, elegeu como temática central «Educação no mundo globalizado» e, a segunda, em janeiro de 2003, «Educação e transformação».

O Fórum Mundial de Educação aprovou, em Porto Alegre, duas *Cartas* em defesa da educação libertadora, popular e cidadã. Além disso, propôs a construção coletiva de uma *Plataforma Mundial de Educação* e a descentralização

dos eventos em fóruns temáticos, regionais e nacionais. Hoje, o FME constitui-se num grande movimento mundial pela cidadania planetária, em defesa do direito universal à educação. Para um «outro mundo possível», uma outra educação é necessária.

O neoliberalismo concebe a educação como uma mercadoria, reduzindo nossas identidades às de meros consumidores, desprezando o espaço público e a dimensão humanista da educação. Opondo-se a esta perspectiva, o FME defende uma concepção emancipadora da educação que respeita e convive com a diferença, promovendo a intertransculturalidade.

O Fórum Mundial de Educação, na mesma perspectiva do Fórum Social Mundial, sustenta-se em dois pilares básicos: a construção de uma alternativa ao projeto neoliberal e o pluralismo de idéias, métodos e concepções. É um espaço plural, não confessional, não-governamental e não partidário, autogestionado, verdadeiramente mundial.

Nos primeiros dias de abril de 2004, São Paulo foi sede de um *Fórum Mundial de Educação* temático sobre «Educação Cidadã para uma Cidade Educadora», com mais de 100 mil participantes, convergindo para a terceira edição do FME de Porto Alegre, de 28 a 31 de julho de 2004, com o tema: «A educação para um outro mundo possível: construindo uma plataforma de lutas». A terceira edição do Fórum Mundial de Educação avançou em relação às edições anteriores pois, além de discussão temática e conceptual da educação, estabeleceu uma agenda de lutas na qual se reafirma «o direito universal a uma educação emancipatória» e se rechaça a «mercantilização da educação, da ciência e da tecnologia» exigindo não só o acesso e a permanência na escola, mas, sobretudo, «o direito de aprender na escola» como «direito humano prioritário e inalienável».

Os Fóruns de hoje têm uma história que remonta, pelo menos, ao *Fórum Global 92*, que se reuniu durante a realização da Rio-92. Eles se constituem de movimentos em torno de causas e ações globais. O próprio Fórum Social Mundial é um desses movimentos globais.

– O que é uma ação global?

Ação global é uma ação que catalisa, para a qual convergem muitas ações de movimentos. O FSM é, por excelência, uma ação global, envolvendo muitas

redes de movimentos em muitos países, com vistas à superação do modelo de globalização capitalista, essa globalização perversa, estágio superior do imperialismo, que nos ilude, que nos faz crer que estamos realmente nos comunicando com todo o mundo, que nos faz pensar que todos fazemos parte da globalização. Na verdade, o mundo só está melhor hoje para as grandes corporações, pois um bilhão de pessoas está passando fome e quase um bilhão de pessoas são analfabetas.

Ações globais tocam questões globais, desafios globais, como direitos humanos, a pobreza, a crise ecológica, social, o desemprego, a fome, o analfabetismo, a saúde, o lixo, a água, etc. Ações globais combinam-se, necessariamente, com *iniciativas locais*, mesmo porque as políticas globais têm consequências no nível local e no nível das pessoas. As redes de ONGs e movimentos contra-hegemônicos ao perverso modelo de globalização hoje dominante vêm apresentando alternativas ao globalismo de forma propositiva e respeitosa das diferenças.

– Porquê um outro mundo é necessário?

Porque não é mais possível conviver com a cultura da guerra e da insustentabilidade. Um quarto do orçamento militar dos Estados Unidos poderia garantir a todos os seres humanos acesso à educação, à saúde, alimentação, água potável e infra-estrutura sanitária... A lógica do mercado, hoje dominante, jamais satisfará essas necessidades. Essa lógica atente às necessidades do capital e não às necessidades humanas. Por isso, um outro mundo é urgentemente necessário.

Uma das grandes e auspiciosas novidades deste início de milênio tem sido o movimento histórico-social provocado pelo surgimento e crescente desenvolvimento de ONGs, associações, entidades, movimentos sociais e populares, lutando pelo respeito a direitos conquistados e por novos direitos, em muitas partes do mundo, particularmente no Brasil. Trabalhando em rede, sem hierarquias, os movimentos sociais lutam pela inclusão social através de campanhas, fóruns, marchas, etc. radicalizando a democracia, conquistando novos direitos.

Quando falamos em movimento social vem logo à mente a idéia dos chamados «setores organizados» da sociedade por lutas específicas: terra, moradia, saúde, transporte, segurança, educação, etc. Mas a grande massa da população

não está organizada em movimentos como *sindicatos e partidos*. Ela está organizada na informalidade ou em clubes, igrejas, pequenas associações, etc. Por isso precisamos alargar o conceito de «organização social», de «movimento social», permitindo a inclusão na interlocução, na caminhada democrática, dessa grande massa de pessoas que, em geral, não têm voz na sociedade.

Paulo Freire insistia muito na incorporação desses setores informais. Dizia ele que nós, educadores, deveríamos escutá-los mais. Hoje estamos mais atentos a essa questão. Não menosprezamos organizações não-formais. Mas muitos ainda as tratam como setores «desorganizados». Os novos movimentos sociais vão a eles. As escolas deveriam fazer o mesmo. Não só abrir-se para a população e esperar, de porta aberta, que eles entrem. Mas ir a eles, aprender com eles.

Todos esses movimentos estão se constituindo, por meio dos Fóruns, em *espaços de auto-organização*, em rede, onde «todos podem caber», como dizia Paulo Freire. Os Fóruns são espaços de convivência, de convivialidade. O *Fórum Social Mundial* é um *processo global* que tende a se multiplicar pelo mundo como espaço de libertação. Não é uma instituição ou uma organização. Só assim ele pode cumprir sua missão de incorporar, de forma *pluralista*, todos os setores que se identificam na luta contra o neoliberalismo.

Os movimentos sociais são muito importantes não apenas pelas causas que defendem mas, sobretudo, porque eles construíram um *novo imaginário social*. Além da ética na política, eles mobilizam o *desejo* de mudar, a crença na capacidade do ser humano de mudar. Eles mostraram que «outro mundo é possível» e construíram outra forma de representação que não passa pelos canais tradicionais, mas pela força da organização de base comunitária, pluralista, na sociedade global. E isso é muito novo no campo democrático, popular e socialista.

– O que os educadores podem aprender com os Fóruns?

Eles nos ensinam que o povo, as pessoas, se educam na luta, em comunidade. A luta é pedagógica. Os brasileiros tem uma rica cultura «de experiência feita», como dizia Paulo Freire. Esse saber, essa cultura, nem sempre foram valorizadas pelas nossas academias, pelas nossas Universidades, que têm muito a aprender com os movimentos sociais. O saber que vem das lutas. Esse é um grande espaço de aprendizado.

Uma «nova esquerda», portadora do projeto do «novo socialismo», está nascendo no seio desde novo movimento histórico do qual o **Fórum Social Mundial** é o grande portador. Ele inaugurou, no início deste novo milênio, o caminho para «um novo mundo possível», inaugurou uma nova etapa na batalha dos explorados contra o poder do capital transnacional. Nessa nova etapa abrem-se muitas e novas formas de fazer política. Sem nenhum rótulo, as redes possibilitadas pelos Fóruns estão dando origem a um **novo internacionalismo**.

Os Fóruns conseguiram superar o dilema colocado pela esquerda entre um Marx burocrático e um Bakunin anarquista. Muitos burocratas ficam incomodados com o caráter «anárquico» dos Fóruns, incomodados com o seu «pluralismo». Por outro lado, o pensamento anarquista presente nos Fóruns fica também incomodado por setores expressivos dos Fóruns que exigem programas, metas concretas, estrutura, propostas para um outro mundo possível. Essas divergências, superadas pela intensidade do diálogo, mostram-nos que outros caminhos são possíveis para além das formas consagradas pelos clássicos paradigmas da esquerda. Não é a causa que envelheceu, mas os métodos autoritários. Se o socialismo autoritário desapareceu como método para um outro mundo possível, viva o socialismo libertário e internacionalista.

O Fórum Social Mundial, com pouco mais de três anos de existência, tornou-se uma referência obrigatória para todas as pessoas, instituições, movimentos que sonham e lutam pela transformação do modelo político, econômico e social dominante hoje no planeta. Em torno desse gigantesco movimento de solidariedade emancipatória convergem esforços que surgem de muitos países, nações, sindicatos, organizações não-governamentais, pessoas e movimentos sociais e populares associados à bandeira comum da resistência e da alternativa à perversa globalização capitalista. O que é particularmente novo nesse movimento é a afirmação do respeito à diversidade, à diferença e à busca do entendimento para alcançar a meta comum.

Fonte fecunda de proposições, o Fórum Social Mundial já apresenta resultados positivos não só na mudança de mentalidades, mas na formulação e execução de novas políticas públicas em diversos campos, radicalizando a democracia e os direitos humanos. Os encontros, reuniões e fóruns têm-se multiplicado pelo mundo, levando à frente o «espírito de Porto Alegre», empolgando muita gente, reacendendo a esperança, recarregando as energias dos movimen-

tos sociais em direção a um outro mundo possível, fruto não da mão invisível do mercado ou do mecanismo irreversível de luta de classes, mas, fruto da luta organizada dos próprios seres humanos, construindo um novo internacionalismo e novas formas de fazer política.

A **maior lição** a tirar desses Fóruns é que eles mostram como o povo pode fazer história. Os Fóruns colocaram o povo como grande sujeito. Só o povo organizado pode fazer história. Os movimentos sociais não querem ficar na platéia, na arquibancada. A Sociedade Civil não pode ficar assistindo. Tem que ser protagonista deste «outro mundo possível», fazendo cobranças para que a esperança se torne realidade, porque o neoliberalismo ainda está vivo, ainda não foi derrotado.

Há muitas formas de **fazer política**. Através de sindicatos, partidos, governos, parlamentos, igrejas, participando de campanhas eleitorais etc. Fazemos política através de empresas públicas e privadas. Tudo o que é humano tem uma dimensão política. Pode-se fazer política através de organizações não-governamentais, fortalecendo a sociedade civil. Essa é uma nova forma de fazer política, uma forma cada vez mais eficaz, como vem demonstrando o Fórum Social Mundial.

Ao contrário da forma tradicionalmente hierárquica de fazer política, de exercer o poder, os Fóruns se constituíram em redes solidárias, reinventando o poder. Eles privilegiam o encontro, o diálogo, o debate e a colaboração. Dessa forma eles reduzem os conflitos provados na «luta interna» pelo poder hierárquico. Por isso são mais eficazes na luta política.

Os Fóruns se constituíram num novo espaço político, um espaço inovador de fazer política. Desde 1962, Jürgen Habermas nos alertava dessa nova forma de fazer política em seu livro *Mudança estrutural na esfera pública*, falando de «opinião pública», valorizando os debates políticos na mídia, as organizações não-governamentais e a sociedade civil. Ele nos falava de uma esfera informal, de uma «esfera pública virtual» que lembra muito hoje o que está acontecendo com a Internet, tão utilizada pelos Fóruns.

Não basta combater o capital. É preciso organizar-se para construir a alternativa. Organizar-se não apenas em partidos e sindicatos – criticados por José Saramago no final do 2º Fórum Social Mundial (Porto Alegre, 31 de janeiro a 5 de fevereiro de 2002), como responsáveis também pela falta de alternativa ao

neoliberalismo. Um outro mundo possível precisa organizar-se ao lado dos desempregados, dos trabalhadores temporários, dos moradores de rua, dos estudantes, dos imigrantes, das mulheres, dos indígenas, dos movimentos de homossexuais, de negros, de minorias, associações religiosas, entidades sem fins lucrativos, organizações não-governamentais, etc... enfim, organizar-se com as novas multidões, organizar-se em torno de um sentido da «história como possibilidade», como dizia Paulo Freire, organizar-se como poder contra-hegemônico em torno de um sentido que o neoliberalismo quer destruir, organizar-se em torno dos desejos e necessidades desses novos movimentos... e não apenas organizar-se em partidos e sindicatos.

José Saramago foi muito duro ao afirmar que a Declaração Universal dos Direitos Humanos, «tal como se encontra escrita, sem necessidade de se alterar sequer uma vírgula, poderia substituir, com vantagem no que diz respeito à claridade de objetivos e à retidão de princípios, a todos os programas de todos os partidos políticos da ordem». Saramago atacou os programas da esquerda, «anquilosados em fórmulas caducadas, alheios e impotentes às realidades brutais do mundo atual, fechando os olhos para as evidentes ameaças que o futuro está a promover contra aquela dignidade sensível e racional que imaginávamos ser a ação de todos os seres humanos». Referia-se tanto aos partidos quanto aos sindicatos: «de uma forma consciente ou inconsciente, o indócil e burocratizado sindicalismo que ainda nos resta é em grande parte responsável pelo adormecimento social decorrente da globalização econômica». Foi um grande alerta para sindicatos e partidos. Mas terá ele razão?

Tradicionalmente o Estado usa a sua racionalidade instrumental visando à rentabilidade e à eficácia burocráticas. Ao contrário, os movimentos sociais construíram uma **racionalidade comunicativa** voltada para as necessidades das pessoas e não para o sistema, criando uma nova lógica de poder. Os Fóruns são um exemplo dessa nova lógica de poder e de inclusão. Eles se constituem em movimentos globais orientados por uma nova forma de fazer política. Um Fórum é num *espaço auto-organizado* em rede, estruturado horizontalmente, permitindo o encontro, o diálogo, autonomamente organizado, onde partidos, governos e empresas não são o centro do cenário, mas são convidados a participar numa causa comum. É a Sociedade Civil se fortalecendo para exercer a sua cidadania perante o Estado e o Mercado.

Nos anos 90, depois da queda do Império Soviético, a globalização capitalista, com seu «discurso único», queria selar o fim da história e matar a esperança. Um certo «vazio» ideológico deixou muita gente perplexa, sem chão, sem bandeiras de luta. O Fórum Social Mundial ocupou esse espaço ideológico, *reacendeu a esperança* da libertação, recolocou a ideologia no palco da história. Os Fóruns prezam a diferença, a diversidade como riqueza da humanidade.

Nos Fóruns, manifesta-se a pluralidade de vozes e de olhares. A multiplicidade de atividades de que são constituídos os Fóruns pode dar a impressão de *fragmentação* do movimento. Ao contrário, podemos ler essa quantidade de manifestações como a riqueza do movimento que não nos divide, mas nos une numa *polifonia de vozes*, harmonizadas por uma causa comum.

Fóruns são territórios de *autogestão*: criando-se os espaços, os movimentos imediatamente os ocupam. Como movimentos, eles têm múltiplas funções: entre outras, eles têm um *papel organizativo* – nos conhecer melhor, aprender juntos, nos fortalecer – um *papel político-reflexivo* – descobrir o sentido histórico das nossas experiências – e um *papel prospectivo, utópico*: realimentar a esperança, a amorosidade e ganhar lucidez e força para a luta.

Para nós, o *desafio* é grande: para um outro mundo possível uma outra educação é necessária.

Como podemos enfrentar tamanho desafio? Será apenas um sonho a mais sonhado juntos? Seremos capazes de mudar o mundo «sem tomar o poder», como afirma John Holloway em seu livro *Mudar o mundo sem tomar o poder: o significado da revolução hoje* (São Paulo, Viramundo, 2003)? Quantos já tentaram! Quais os caminhos, as estratégias para um outro mundo possível? Estes são os grandes desafios de um fórum mundial como este **Fórum Paulo Freire**, na bela cidade do Porto. Nossa desafio é enorme: nosso propósito é mudar o mundo.

Os Fóruns Mundiais (Educação, Saúde, Cultura, Autoridades Locais...), na esteira do Fórum Social Mundial, têm traduzido uma outra lógica de poder, uma lógica de ação em rede, coletiva, solidária e pluralista. Muitos debates foram realizados, muitas faixas foram penduradas no Gigantinho de Porto Alegre, no Mineirinho de Belo Horizonte, em Cartagena, em Mumbai, em Paris, em Uppsala... e em tantos outros lugares. Muitas bandeiras foram erguidas muito alto, pela defesa da vida, da ética, do planeta... Como transformar tudo

isso em estratégias coletivas para um outro mundo possível? Como transformar tudo isso em programas viáveis?

Se não soubermos apontar os **caminhos possíveis** para atingir nosso fim, nossos sonhos serão desmoralizados pelos que sempre querem deixar tudo como está. Uma **nova lógica de poder** está sendo apontada pelos Movimentos Sociais através de suas ações globais pela justipaz, pela ética na política, pelo consumo ético e solidário que não destrua o planeta. Mas precisamos ainda construir uma infra-estrutura logística de redes em colaboração solidária, sem hierarquias burocráticas, que sejam capazes de organizar a massa de excluídos em movimentos organizados, para que possam, inclusive, participar dos Fóruns.

Os Fóruns, como eventos, têm um papel organizativo, reflexivo, apreneidente, propositivo, prospectivo, utópico. Eles não são instituições e, a rigor, nem movimentos. São espaços autogestionados de movimentos e de suas causas, em rede. Algo ainda não totalmente definido já que está em processo, buscando criar uma sociedade emancipada, livre de relações de poder, sem despojados de poder. Uma sociedade não só de «eus» e nem só de «nós», mas uma sociedade autodeterminada do «eu-e-nós», uma sociedade de relações de amizade, camaradagem, comunidade e cooperação.

Não sabemos ainda qual é essa sociedade. Ela não tem nome. Por isso, os Fóruns são espaços privilegiados da «pedagogia da pergunta» (Paulo Freire). É perguntando que a se descobre o caminho. E perguntar pelo caminho faz parte do próprio processo de busca dessa sociedade tão sonhada por tanto tempo. A alternativa parece estar na rica experiência dos Fóruns, dos movimentos sociais, nas redes, nas tribos, nas comunidades ligadas a certas identidades, amizades, idade, causas, como a «comunidade freiriana» da «*Universitas Paulo Freire*» (UNIFREIRE), que estamos construindo juntos neste quarto encontro do Fórum Paulo Freire.

Contacto: Moacir Gadotti, Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação, Av. da Universidade 308 – Butanta 05508-900 SAO PAULO, SP – Brasil

E-mail: gadotti@paulofreire.org

